

De vírus e caçadores, uma entrevista com Frédéric Keck

Of virus and hunters, an interview with Frédéric Keck

Caetano Sordi e Rodrigo C. Bulamah



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9802>

DOI: [10.4000/pontourbe.9802](https://doi.org/10.4000/pontourbe.9802)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Caetano Sordi e Rodrigo C. Bulamah, « De vírus e caçadores, uma entrevista com Frédéric Keck », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9802> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9802>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

De vírus e caçadores, uma entrevista com Frédéric Keck

Of virus and hunters, an interview with Frédéric Keck

Caetano Sordi e Rodrigo C. Bulamah

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 09/11/2020

Aceitação / Accepted 10/11/2020

- 1 Um dos principais expoentes da contemporânea antropologia da biossegurança, Frédéric Keck estudou filosofia na École Normale Supérieure, em Paris, e na Université Lille-III, também na França. Depois de uma experiência na Universidade da Califórnia, em Berkeley, migrou para a antropologia sob a influência de Paul Rabinow. No campo da história intelectual, publicou diversos trabalhos sobre o desenvolvimento da antropologia francesa e sua relação com a filosofia, explorando o pensamento de autores como Auguste Comte, Lucien Lévi-Bruhl, Émile Durkheim, Henri Bergson e Claude Lévi-Strauss. Sobre a obra deste último, escreveu uma introdução publicada no Brasil em 2013 pela editora Contraponto¹.
- 2 Após seu ingresso no CNRS, o Conselho Nacional de Pesquisa Científica da França, Keck realizou pesquisas relacionadas ao monitoramento de zoonoses emergentes, com foco etnográfico em países do Leste Asiático. Desta experiência, resultaram livros como *Un monde grippé*² (2010), e o mais recente *Avian Reservoirs*³ (2020). Entre 2014 e 2018, atuou como diretor de pesquisa e ensino do Musée du Quay Branly, em Paris. Atualmente, é diretor de pesquisa do Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France. Nesta entrevista, conduzida à distância ao longo dos meses de confinamento decorrentes da pandemia de Covid-19, Keck nos fala um pouco sobre a sua trajetória, experiência de pesquisa, visões sobre a pandemia e seus desdobramentos, retomando temas com os quais trabalhou ao longo dos anos e explorando novas possibilidades comparativas.

Caetano Sordi e Rodrigo Bulamah – Talvez possamos começar com um comentário mais geral sobre seu trabalho. Sabemos que você possui um doutorado em filosofia e que, desde cedo, demonstrou um grande interesse por figuras do campo antropológico, como Lévi-Strauss, Lévi-Bruhl, Rabinow e Descola. Como você passou a se interessar pelo Leste e o Sudeste Asiáticos? Da mesma forma, percebemos em sua pesquisa uma grande influência do que podemos chamar de antropologia das técnicas, e um diálogo importante com a recente virada ontológica. Você poderia nos contar como isso se relaciona com seu foco sobre as relações humano-animais?

Frédéric Keck – Tenho me interessado pela China há muito tempo. Particularmente, desde quando li os trabalhos de François Jullien⁴, que promoveu uma comparação radical entre o pensamento chinês e o europeu. No entanto, comecei a me interessar pela Ásia como um continente quando estudava antropologia na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e percebi, com Paul Rabinow, que as paisagens urbanas que moldam a globalização podiam ser um objeto de estudo etnográfico tanto quanto as florestas selvagens da Amazônia ou da África Central, t(r)ópicos mais clássicos na antropologia francesa. Também com Rabinow, aprendi como analisar os contextos éticos em que as biotecnologias passaram a circular nos anos 1990. Com a universalização do sequenciamento genético como uma linguagem para a codificação da vida, tornou-se possível comparar percepções sobre mutações virais em diversas paisagens morais. O que eu considero interessante nas discussões sobre doenças infecciosas emergentes é que pequenas mutações virais desencadeiam grandes mudanças sociais assim que elas cruzam barreiras entre as espécies. Logo, seguindo tecnologias de vigilância e securitização, o antropólogo pode transitar entre escalas, do molecular ao geopolítico. A comparação entre a China e o Ocidente é um dos níveis nos quais essas emergências podem ser descritas. E é justamente neste ponto em que conecto uma antropologia das técnicas com a virada ontológica. Eu comecei com uma questão cultural – como a China pensa sobre a vida em risco? –, mas logo efetuei uma antropologia das técnicas – como cientistas chineses se preparam para futuras pandemias? –, chegando, por fim, a uma questão ontológica – como podemos perceber os vírus quando eles cruzam barreiras entre espécies?

Caetano Sordi e Rodrigo Bulamah - Isso é fascinante. Você poderia nos contar mais sobre esta mudança de escala entre o molecular e o geopolítico, talvez pensando também na sua visão sobre a etnografia? Porém, antes de explorar o seu trabalho empírico, ficamos curiosos sobre como você acabou em Berkeley e sobre a sua aproximação com o trabalho de Paul Rabinow. Você se importaria em explicar que papel esse intercâmbio acadêmico desempenhou em sua carreira?

Frédéric Keck - Eu fui trabalhar com Paul Rabinow porque estava interessado nas convergências entre a arqueologia das epistemes, de Michel Foucault, e a antropologia das culturas, de Clifford Geertz. Rabinow era bastante relutante com respeito a essas totalizações; ele estava mais interessado nos pequenos eventos, como a invenção do RCP⁵ e sua capacidade de ampliar informações materiais, tais como sequências genéticas. Em *Making PCR*⁶, ele compara esses pequenos eventos que Lévi-Strauss chama de bricolagem, e esse foi para mim o ponto de partida para um novo tipo de antropologia, começando com o que Agamben chama de vida nua⁷ (informações materiais circulando entre espécies e entre sociedades) a fim de ver como elas são amplificadas em formas políticas de vida. Este processo de amplificação foi, para mim, o gatilho para a mudança entre escalas. Quando li *O pensamento selvagem*⁸ com a devida atenção, percebi que o "operador totêmico" é o processo que desenvolve um movimento dialético entre níveis de abstração. E também encontrei a

mesma ideia em *How Forests Think*⁹, de Eduardo Kohn, onde as tensões nas formas de vida são amplificadas pela vida dos sinais. Foi assim que me afastei da comparação de mentalidades, de Lévy-Bruhl e Jullien, para seguir os vírus ao redor do globo.

Caetano Sordi e Rodrigo Bulamah – Em seu livro mais recente, *Avian Reservoirs*, você descreve as várias técnicas empregadas por microbiologistas em Taiwan, Hong Kong e Cingapura tendo em vista a preparação para surtos pandêmicos potenciais. Um dos seus argumentos é que essas técnicas se assemelham ao modo com que caçadores-coletores se relacionam com animais não humanos e seus ambientes, de modo geral. Este é um ponto instigante, que nos parece ser uma ideia-chave para compreender as diferenças entre os três paradigmas para lidar com zoonoses que você analisa no livro – prevenção, precaução e preparação. Você poderia nos falar um pouco mais sobre o que é uma “sentinela”, e de que maneira seu uso pela vigilância epidemiológica contemporânea aproxima caçadores de vírus no Leste Asiático e povos caçadores na Amazônia e em outros contextos?

Frédéric Keck – Construí o conceito de sentinela em contraste com o conceito de sacrifício. Quando comecei minha pesquisa sobre zoonoses, havia um debate sobre o princípio de precaução como um meio para legitimar o abate em massa de animais suspeitos de portar agentes infecciosos transmissíveis para humanos. O princípio de precaução possui muitos aspectos positivos, no sentido de promover o debate sobre riscos. Todavia, me chocava o fato de que a maximização de riscos por meio deste princípio também implicava em um fardo muito pesado para os criadores de animais. Havia também outro debate, sobre o bem-estar animal na indústria da produção animal e a emergência do vegetarianismo como uma resposta a crises sanitárias no campo alimentar. E quando comecei a trabalhar com o manejo de zoonoses em Hong Kong, como a influenza aviária, descobri que algumas galinhas eram utilizadas como sentinelas para pandemias em criações de aves. Essas galinhas não eram vacinadas, e eram postas na entrada dos aviários com o objetivo de gerar alertas para a presença de vírus potencialmente pandêmicos em locais nos quais eles poderiam ser amplificados. Como sentinela é aquele soldado que vai para a linha de frente com o intuito de retornar com sinais de alerta sobre o inimigo, fiquei interessado por essa forma de comunicação interespecífica em um contexto de guerra global contra os vírus emergentes. Mesmo que a maior parte dessas galinhas-sentinela acabasse morrendo, considerei ser mais estimulante pensá-las não como se sacrificassem a si próprias para proteger os humanos, mas como se estivessem se comunicando com outras espécies desde uma linha de frente. Isso foi o que me permitiu conectar o trabalho dos “caçadores de vírus” aos modos de comunicação entre caçadores amazônicos, descritos por Philippe Descola e Eduardo Kohn. Para estes autores, as operações ontológicas envolvidas na caça não são de ordem sacrificial; isto é, elas não visam produzir sentido simbólico através de analogias, mas estabelecer comunicação entre interioridades ou sujeitos de diferentes espécies. Assim, eu trouxe esta lição amazônica para o debate sobre a biopolítica das zoonoses globais no sentido de argumentar que os caçadores de vírus não “fazem morrer e deixam viver” os animais, como na definição de poder pastoral por Foucault, mas os “imitam e adiam sua morte” através de técnicas de preparação como dispositivos sentinela, simulações e armazenamento de dados. Também argumento que mesmo que as técnicas de preparação possuam aspectos cinegéticos, elas estão sempre misturadas a técnicas pastorais como sacrifícios, projeção de cenários e estocagem, já que os virólogos precisam trabalhar com outros profissionais de saúde pública. Meu trabalho etnográfico é, portanto, crítico, na medida em que distingo sentinelas e sacrifício

para abrir possibilidades de esperança moral e cuidado ecológico desde o trabalho dos caçadores de vírus.

Caetano Sordi e Rodrigo Bulamah - Ainda em relação ao seu livro mais recente, você argumenta que os surtos de SARS¹⁰ e de gripe aviária revelaram dimensões geopolíticas que ligavam Taiwan, Hong Kong e Cingapura à China – e, de certa forma, ao resto do mundo. A partir dessa análise etnográfica, o que você pode dizer sobre a nova pandemia de coronavírus e sobre a crescente presença geopolítica da China no mundo?

Frédéric Keck - O argumento que defendo, baseado em observações sobre a geopolítica da SARS e da gripe aviária, é que as sentinelas estão em uma competição para produzir os sinais de alerta mais atraentes, que desencadeariam uma sensação de segurança sem pânico. Esse argumento foi inspirado na teoria de Amotz e Avishag Zahavi desenvolvida após observarem aves sentinelas no deserto de Neguev que competem para produzir o que eles chamam de "sinais dispendiosos", mostrando seu valor em relações de presa/predador¹¹. Os Zahavi compararam esta competição entre aves com a relação entre células imunes que transmitem informações sobre vírus sem serem destruídas por eles. Taiwan, Hong Kong e Cingapura são três pequenos territórios na fronteira da China que, após a SARS, desenvolveram tecnologias para enviar sinais precoces de alerta sobre o surgimento de pandemias de dentro da "casa de máquinas do mundo". A China não é o predador ou o inimigo nesse jogo, mas seu fracasso em enviar sinais precoces de alerta de vírus pandêmicos deu um trunfo a esses três territórios fronteiriços. O que jornalistas descreveram como uma tensão entre o dragão chinês e os tigres asiáticos foi, de fato, uma competição para enviar sinais claros do surgimento de um vírus pandêmico ao resto do mundo a partir de uma região específica – onde o Japão, a Coreia do Sul e o Vietnã também desempenham um papel crucial. Quando a SARS-Cov-2 surgiu, vimos que a China havia tentado construir seu próprio sistema de sentinelas, com muitas informações virais sendo enviadas a revistas científicas e compartilhadas em bancos de dados em livre acesso logo no início da pandemia. Porém, como os primeiros sinais de alerta não foram seguidos por mobilizações de saúde pública, porque as sentinelas não se transformaram em delatores, a China perdeu o tempo crucial para deter a pandemia.

Caetano e Rodrigo – Em nossos trabalhos, somos ambos interessados em como espécies exóticas invasoras mobilizam experiências históricas e imaginários raciais. Uma das primeiras coisas que chamou nossa atenção no contexto atual foi uma espécie de externalização na forma com que a Europa e as Américas compreenderam a disseminação do Sars-Cov-2, condensada na ideia de um "vírus chinês" e de hábitos alimentares "insalubres". Também vimos surgir uma série de teorias da conspiração circulando ao redor do mundo a respeito das origens do vírus, algumas delas sendo proferidas por relevantes figuras políticas. Como você vê a China reagindo a estas imagens e o que isso nos diz sobre seus projetos geopolíticos?

Frédéric – Baseado nas sequências genéticas já disponíveis da Sars-Cov-2, a hipótese da sua emergência no mercado úmido de Wuhan é cada vez menos provável, já que isso não explica como o vírus se tornou tão contagioso. Os cientistas chineses privilegiaram essa hipótese porque ela seguia o cenário da SARS, e acabou permitindo ações de precaução, como o fechamento dos mercados. A disseminação global de imagens mostrando mercados úmidos chineses cheios de morcegos e pangolins é desconectada da realidade etnográfica, uma vez que os primeiros são consumidos com mais frequência no Sudeste Asiático, e o tráfico dos segundos tem sido bastante controlado nos últimos anos na China. A hipótese de um vazamento viral a partir de um laboratório permanece possível, ainda que jamais venha a ser confirmada. Ambos

os cenários sobre as origens do vírus pintam a China como um lugar em que a biossegurança é duvidosa; em que ocorre todo tipo de prática imunda; em que faltam virtudes éticas e abundam materiais orgânicos. A China tem respondido a estas críticas com uma diplomacia agressiva, do “lobo guerreiro”, o que contradiz sua própria pretensão de liderança pacífica no campo da saúde global. O modelo de controle digital da população é particularmente assustador. Mas eu estou mais interessado em entender como o governo chinês aproveita esta oportunidade de crise para reorganizar a alocação de recursos e se preparar para futuras crises ecológicas.

Caetano Sordi e Rodrigo Bulamah - Uma das questões mais controversas levantadas pela atual pandemia tem a ver com o uso obrigatório de máscaras no espaço público. Por um lado, as sociedades da Ásia Oriental, como aquelas onde você conduziu seu trabalho de campo, parecem ter uma relação pacífica com este acessório profilático. Em países como França, Brasil e EUA, por outro lado, o uso de uma máscara tornou-se um sinal de posicionamento em uma grande guerra cultural. Em um artigo recente, você disse que se a França agir com base na recomendação de tornar obrigatório o uso de máscaras para as saídas indispensáveis durante a pandemia, “isso significará uma verdadeira Revolução nas normas que regem o comportamento em seu espaço público”. Por que existe tanta resistência contra o uso de máscaras nas sociedades ocidentais em comparação com as da Ásia Oriental? Você vê esta resistência acontecendo na França e nos EUA (e talvez no Brasil) como tendo a mesma motivação?

Frédéric Keck - O uso de máscaras cirúrgicas no espaço público se tornou um hábito nas sociedades do Leste Asiático a partir da crise da SARS. Isso passou a ser concebido como um sinal de modernidade desde a sua promoção pelo médico chinês Wu Lian-Te na época da peste pneumônica, em 1910. É um indício de respeito aos outros em um país onde a poluição atmosférica e as doenças respiratórias emergentes são problemas crescentes. Ao contrário, na Europa, o uso de uma máscara no espaço público está ligado à ameaça do Islã. Na mesma época em que as sociedades do Leste Asiático começaram a usar máscaras depois de 2003, com base em modelos exemplares e sem a obrigação estatal, a França proibiu o uso do véu islâmico nas escolas públicas. A definição do cidadão moderno como apresentando um rosto descoberto no espaço público provavelmente tem alguma raiz cristã, em contraste com as valorizações grega e romana das máscaras (persona). No continente americano, não usar uma máscara também é concebido como sinal de virilidade, em contraste com seu uso como sinal de vulnerabilidade. Fico impressionado com o fato de que, em chinês, a palavra para máscara cirúrgica significa literalmente “técnica para cobrir a boca” e não se refere à ideia de esconder o rosto. A resistência ao uso de máscara revela diferentes concepções de pessoa em ambientes povoados por entidades invisíveis. Também me surpreende o fato de que pouco eco tenha sido feito aos estudos experimentais sobre cobaias que mostraram a eficácia das máscaras em limitar a transmissão viral entre gaiolas – como se os humanos resistssem a conceber analogias que possuem com cobaias usando máscaras diante de um vírus sobre o qual ainda temos muito pouco conhecimento.

Caetano Sordi e Rodrigo Bulamah – O que você nos conta sobre a palavra para máscara cirúrgica em chinês é muito esclarecedor. Nesse sentido, nos recordamos do modo com que Lévi-Strauss compreende o papel dos objetos técnicos no final de *A Origem dos modos à mesa*¹². Para ele, enquanto talheres, roupas e adornos têm, para nós, a função de proteger os sujeitos da impureza externa enquanto que para os povos ameríndios, esses mesmos objetos protegem o mundo externo da impureza dos sujeitos. Inspirado por esta ideia, ele então propõe um “humanismo bem ordenado”, que seria capaz de colocar “o mundo antes da vida, a vida antes do homem, o respeito pelos outros antes do amor-próprio”. Você

enxerga alguma conexão entre essas proposições de Lévi-Strauss e o comportamento das sociedades asiáticas com respeito a máscaras como instrumentos de prevenir o contágio pela coletividade? Se sim, você pensa que isso abre possibilidades de esperança moral e cuidado ecológico, como você mencionou anteriormente?

Frédéric Keck – Uma pesquisa conduzida com cidadãos japoneses em Tóquio, em 2011, mostrou que metade deles utiliza regularmente máscaras contra todo tipo de poluição ambiental, e que a maioria busca proteger a si próprios, mais do que aos outros. Este é um resultado deveras decepcionante, se pensarmos na esperança de Lévi-Strauss com respeito à capacidade da civilização japonesa de inverter as concepções ocidentais de sujeito e objeto. Precisaríamos inventar ferramentas etnográficas para entender o que queremos dizer com “proteger a si mesmo” e “proteger os outros” quando utilizamos máscaras. Acima de tudo, a máscara cirúrgica é um signo da consciência da possibilidade de contágio pela via da transmissão aérea, o que ressoa com os mais variados tipos de alerta ambiental sobre poluição, mudança climática etc. Emanuele Coccia¹³ nos lembra que quando respiramos, estamos em conexão com os seres vivos que produzem o ar, particularmente as plantas. A ventilação dos edifícios públicos será uma grande preocupação depois da pandemia, no sentido de evitar o trabalho em espaços fechados, favoráveis à transmissão de doenças.

Caetano Sordi e Rodrigo Bulamah - Para concluir, estamos vendo muitos intelectuais públicos discordando sobre as consequências da pandemia no futuro próximo. Enquanto Giorgio Agamben fazia previsões terríveis sobre a intensificação da excepcionalidade que governa a "vida nua", Slavoj Žižek viu na crise da Covid-19 um sinal de exaustão do capitalismo global (incluindo o capitalismo estatal chinês), e uma oportunidade de ultrapassá-lo. Byung-Chul Han, ao contrário, previu uma mudança na governamentalidade biopolítica após a pandemia. Ele sugere que haverá menos foco no controle territorial e algo mais próximo do modelo de vigilância digital, algorítmica já existente em algumas sociedades asiáticas. O que você pensa destas previsões? Estamos em uma boa posição para prever qualquer coisa, seja o que for?

Frédéric Keck - Meu diagnóstico é que a preparação para a pandemia tem se baseado no que eu chamo de poder cinegético: a capacidade de antecipar doenças humanas através da vigilância de mutações microbianas entre os animais. Essa é uma perspectiva otimista do biopoder, que muitas vezes é descrito como uma forma totalizante de poder. No uso de dispositivos-sentinela, vejo relações alternativas face aos seres vivos que estão além do dilema entre sacrifício e vigilância, central para o biopoder. A questão para os caçadores de vírus é uma questão de bricolagem: quanta informação podemos armazenar para dar sentido a eventos imprevisíveis? Esta é uma questão de criopolítica, que pode ser a forma de poder cinegético própria à modernidade¹⁴. Esta também é uma leitura positiva dos reservatórios animais enquanto focos para a conservação, pelos quais os seres humanos podem atentar para o papel da biodiversidade na proteção contra doenças. Não posso prever que forma de poder irá abranger as outras depois desta pandemia, pois acho que o poder cinegético e o poder pastoral sempre estiveram combinados desde a domesticação das principais espécies animais pela humanidade. Prefiro estudar como os microbiologistas criam previsões com base no que veem no laboratório, algo que me parece uma técnica de divinação fascinante.

NOTAS

1. KECK, Frédéric. **Introdução à obra de Lévi-Strauss**. São Paulo: Contraponto, 2013.
 2. _____. **Un monde grippé**. Paris: Flammarion, 2010.
 3. _____. **Avian reservoirs: virus hunters and birdwatchers in Chinese sentinel posts**, Durham; London: Duke University Press, 2020.
 4. (1951-presente), filósofo francês, sinólogo e helenista.
 5. Reação em cadeia da polymerase; PCR em inglês.
 6. RABINOW, Paul, **Making PCR: a story of biotechnology**, Chicago; London: University of Chicago Press, 1996.
 7. AGAMBEN, Giorgio, **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**, Belo Horizonte: UFMG, 2010.
 8. LÉVI-STRAUSS, Claude, **O pensamento selvagem**, São Paulo (SP): Papyrus, 2010.
 9. KOHN, Eduardo, **How forests think: toward an anthropology beyond the human**, Berkeley; London: University of California Press, 2015.
 10. Sigla em inglês para Síndrome Respiratória Aguda Grave.
 11. ZAHAVI, Amotz; ZAHAVI, Avishag, **The handicap principle: a missing piece of Darwin's puzzle**, Oxford: Oxford University Press, 1999.
 12. LÉVI-STRAUSS, Claude, **A origem dos modos à mesa: Mitológicas volume 3**, São Paulo: Cosac Naify, 2006.
 13. (1976-presente), filósofo italiano, autor de **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Lisboa: Sistema Solar, 2019.
 14. KECK, Frédéric, Stockpiling as a Technique of Preparedness: Conserving the Past for an Unpredictable Future, in: RADIN, Joanna; KOWAL, Emma (Eds.), **Cryopolitics: Frozen Life in a Melting World**, Cambridge; London: The MIT Press, 2017, p. 117-142.
-

AUTORES

CAETANO SORDI

Doutor em Antropologia Social - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Vinculado à pesquisa: "A Covid-19 no Brasil: análise e resposta aos impactos sociais da pandemia entre profissionais de saúde e população em isolamento" (Convênio Ref.: 0464/20 FINEP/UFRGS)"

E-mail: caetano.sordi@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2334-8096>

RODRIGO C. BULAMAH

Doutor em Antropologia Social e Etnologia - Universidade Estadual de Campinas e École des Hautes Études en Sciences Sociales

Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Vinculado à pesquisa "Paisagens de carbono: afetos, energia e materialidades no Caribe". -

FAPESP - Processo n. 2019/04170-4

E-mail: rodrigobulamah@gmail.com

ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-4734-7672>